

Cinderela e Moana: O Corpo da Mulher Representado no Cinema Infantil Para Meninas de 7 Anos¹

Mariana PIANO²

Juliana TONIN³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, RS

RESUMO

O objetivo do artigo é compreender a importância da representação do corpo feminino no cinema infantil na construção do imaginário de meninas de 7 anos a partir da comparação de Cinderela e Moana. Assim, aborda os conceitos de gênero, corpo e aparência feminina, entendendo as influências midiáticas na sociedade. Traz a importância das princesas da Disney para o desenvolvimento do imaginário infantil. Esta análise se deu através de um grupo focal com 12 meninas de 7 anos de um colégio particular de Porto Alegre, no ano de 2017. Como principal resultado tem-se a noção da existência de dois momentos diferentes a respeito dos seus entendimentos em relação ao corpo feminino, um a partir do discurso e outro a partir da representação imagética.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo Feminino; Representações de gênero; Cinema Infantil; Imaginário Infantil; Princesas da Disney.

O Artigo aqui apresentado tem como objetivo compreender a importância da representação do corpo feminino no cinema infantil na construção do imaginário de meninas de 7 anos. Dessa forma, com embasamento bibliográfico, foi feita uma comparação entre duas princesas da Disney, uma mais clássica, a Cinderela, que foi criada na década de 50, e outra que quebra os “padrões tracionais” do corpo feminino, sendo a última e mais atual princesa da Disney, a Moana. Para a obtenção dos possíveis resultados do problema no qual a pesquisa aborda, a autora realizou um grupo focal com crianças do sexo feminino de 7 anos de um colégio particular de Porto Alegre. Essa foi a forma que a autora encontrou de conseguir entender de que forma e até que ponto as imagens apresentadas pela marca podem influenciar na vida e nas escolhas de uma criança do sexo feminino.

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduada no Curso de Publicidade e Propaganda da PUCRS, e-mail: marianaapiano@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do programa de Pós-graduação em comunicação da Famedcos/PUCRS, e-mail: juliana.tonin@pucrs.br

Entende-se que em meados dos anos 50 a imagem da mulher vista pela sociedade era a da dona de casa. Como não tinha direito ao voto e nem à inserção ao mercado de trabalho, o sexo feminino era reconhecido dessa forma, diferentemente do sexo masculino. Criou-se, então, a concepção do sexo frágil, ou seja, a mulher estava submetida ao homem pelo fato da sociedade acreditar que o seu papel era entregar-se a ele e a família, retratando, assim, o ideal de beleza e sutileza feminina. “A necessidade de se elevarem através dos termos e gestos acima do comum, a submissão à Dama, a expressão hiperbólica dos sentimentos [...]” (LIPOVETSKY, 2000, p.81).

Dessa forma a beleza ideal passou a ser parâmetro na vida das mulheres, o que fez com que algumas mídias como a revista, por exemplo, passassem a representar a mulher através da imagem de modelos. No início, essas revistas queriam retratar algo único do sexo feminino, “mas esse desejo de originalidade, desde que a moda se espalhou se transforma em seu contrário; o único, multiplicando-se, vira padrão” (MORIN, 1987, p.142). Ou seja, Morin (1987) explica que as imagens das mulheres magras e brancas passaram a ser os padrões de beleza vistos pela sociedade.

Com a falta de diversidade nas mídias, as mulheres que não se encaixavam nesses padrões acreditavam que suas aparências não satisfaziam, “tendo como consequência o reforço das barreiras entre as raças, a intensificação de sentimentos de dúvida, de inferioridade, de ódio de mesmas nos grupos minoritários” (LIPOVETSKY, 2000, p.163). A estética da magreza, por exemplo, é um dos fatores que mais obteve crescimento e segue presente até nos dias atuais. Segundo Lipovetsky (2000, p.128): “As revistas femininas estão cada vez mais invadidas por guias de emagrecimento, por rubricas expondo os méritos de uma alimentação equilibrada, receitas light, e exercícios de manutenção e de forma”. Lipovetsky (2000) ainda afirma que esse transtorno pela boa forma, a partir dos anos 60, fez com que muitas mulheres passassem por tratamentos para terem o corpo que consideravam ser ideal.

As imagens do corpo apresentadas por essas mídias podem ter influenciado muitas mulheres com o passar dos anos. Conforme Vianna (2005, p.1): “A pressão para que os corpos femininos atinjam esse ideal estético promove distúrbios alimentares, dificulta a inserção social e profissional e gera uma relação conflituosa com o próprio corpo”. As crianças, por exemplo, estão recém aprendendo sobre o mundo e, assim, consomem o padrão visto nas imagens de revistas, o que pode acrescentar no seu desenvolvimento como indivíduo. É o que explica o autor Domènech (2011, p.246):

“As crianças se identificam com a imagem, que serve como figura das percepções emergentes da identidade”.

Porém, com o passar dos anos, o sexo feminino foi deixando de ser reconhecido apenas pela sua beleza. A mulher ganhou seus direitos de voto e de entrada no mercado de trabalho, e aos poucos foi se tornando independente da figura masculina. Entretanto, ainda notava-se a forte significância da sua aparência dentro do ambiente empresarial: “a aparência das mulheres importa mais do que todos os outros aspectos que as definem enquanto indivíduos”, afirma a Cientista Política Iana Alves de Lima (2011) para o blog “Politize”. Dessa forma, como o visual estava acima do conhecimento que alegavam exercer, poucas eram mulheres gordas e/ou negras com um cargo efetivo, pois a minoria que era contratada tinha como requisito ter o corpo padrão das revistas.

Com o tempo, as novas mídias – e até mesmo àquelas já mencionadas, como a revista, por exemplo – começaram a ajudar as mulheres a encontrarem o seu “eu autêntico”. O século XX foi o grande século para o sexo feminino, pois “revolucionou o seu destino e a sua identidade” (LIPOVETSKY, 2000, p.9). Além disso, a outra grande vitória foi o aumento da representatividade feminina nas mídias. A homogeneização do corpo e, conseqüentemente, da beleza, começou a ficar para trás, abrindo espaço para o protagonismo de novas culturas e raças.

A partir dos anos 60 verifica-se nas democracias um processo de abertura e de desmultiplicação dos critérios estéticos. [...] É inegável que os padrões do rosto branco continuam a ser dominantes, mas também é verdade que a sua hegemonia já não exclui o reconhecimento das belezas de cor. A época triunfante da autoglorificação estética ocidental ficou para trás; o pluralismo estético representa melhor o futuro da imprensa feminina do que a erradicação das diferenças e a homogeneização da beleza. (LIPOVETSKY, 2000, p.164)

Nota-se um movimento de mudança em relação ao comportamento feminino, sendo reconhecida aos poucos a terceira mulher na sociedade. Com o aumento da diversidade, por exemplo, a mulher de hoje tem mais confiança em si mesma, deixando pra trás a época da dona de casa. Além disso, atualmente o sexo feminino continua lutando pelo seu reconhecimento na sociedade e no mercado de trabalho, mostrando que com força e determinação deixaram de ser o sexo frágil há tempo, não vivendo apenas de um rosto bonito padronizado pelas mídias de outras épocas. Hoje em dia ainda é visto esse estereótipo da mulher branca e magra nas modelos de revistas, porém aos

poucos isso vem mudando, sendo um exemplo a representação de modelos com cinturas mais largas estampadas nas capas de revistas de moda, conhecidas como *plus size* (mulher que usa manequim GG - numerações do 44 a 54). “Com o aumento da população com sobrepeso nos EUA, nos anos 90, em especial a população feminina, a indústria da moda voltada para o público plus size se tornava cada vez mais popular.” (SOUZA, 2016, p.3). Dessa forma, aos poucos as mulheres passam a entender que não existe padrão de beleza do corpo, podendo acreditar não ser necessário aparentar o que não são para serem aceitas pela sociedade.

A partir do reconhecimento dos diferentes corpos femininos e tendo em vista a influência midiática em relação ao corpo considerado padrão, o assunto se expandiu para diversas mídias além da revista, como o cinema. Esse meio passou a apresentar filmes com diferentes gêneros como o amor, porém ganhou-se forte destaque outro que tinha como público principal o infantil: a fantasia. Esse gênero é conhecido por apresentar imagens de personagens com fortes características e roteiros mais lúdicos, os quais podem acabar ajudando na interpretação das crianças sobre as imagens vistas na tela. Dessa forma, o que era para ser só uma história fictícia do cinema, pode ter tornado parte de suas vidas.

A imagem também fala. Pode-nos dizer muita coisa. Até contar histórias muito bonitas. E quando é uma imagem muito artística pode contar uma história sem a gente precisar de palavras. E ela tem a vantagem de significar a mesma coisa em todas as línguas. A imagem é uma verdadeira linguagem universal. (PLENTZ, 1971, p.10).

Graças ao retorno positivo desse novo cinema fantasioso, empresas passaram a investir em grupos de produção industrializados especializados na criação de desenhos animados, e dentre elas destaca-se a Walt Disney Productions, a qual se tornou um dos maiores nomes do entretenimento infantil. Em 1928 a empresa criou o personagem mais icônico da história do cinema de animação, o Mickey Mouse. “O ratinho era desenhado a partir de uma série de círculos, provando ser ideal para o desenho animado. E desta forma acabou se tornando o personagem de maior sucesso dos estúdios Disney”, afirma o blog Parques de Orlando (2016). Além de ser reconhecido como um dos maiores personagens de Walt Disney, o Mickey também ganha destaque por ter sido o primeiro desenho animado com cores e som a ter a sua veiculação no cinema.

Após esse sucesso, a marca passou a reproduzir contos de fadas como filmes de longa duração, sendo a sua primeira criação “A Branda de Neve os Sete Anões”. A positiva repercussão do filme fez com que os estúdios Disney optassem por continuar com esse recurso. Com isso, acabou sendo visto na sociedade o termo “princesa”, fazendo com que Walt investisse ainda mais em cima desses filmes com protagonistas femininas. Em seguida criou-se mais um clássico da empresa, o filme “A Cinderela”. “Semelhante a ‘Branca de Neve’, ‘Cinderela’ oferecia um enredo clássico, com todos os elementos para agradar aos espectadores” (THOMAS, 1966, p.130).

Figura 1 - Cinderela



Fonte: Pinterest (2012)

Cinderela era o retrato da mulher dos anos 50. Branca, loira, magra e de olhos azuis, trazia a tona o padrão europeu, apresentando características de mulher delicada e doce, a qual tinha como propósito encontrar o amor e a felicidade em uma figura masculina. Por isso, ela ajudou a construir o pensamento de família ideal através do casamento com o homem amado. Essas imagens das duas princesas e os valores representados poderiam servir de exemplos para as crianças do sexo feminino ao redor do mundo. Não era mais só uma questão de divertimento, da mesma forma que as modelos estampadas nas capas das revistas de moda, as princesas eram as personalidades da mulher que elas viam na tela, fazendo parte de suas vidas consciente ou inconscientemente.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da

criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer a justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (BETTELHEIM, 2007, p.20).

Com o passar dos anos, foram criadas novas personagens com culturas e raças diferentes, porém ainda era visto ou o ideal da mulher branca ou o da mulher magra com vestidos brilhosos em busca do príncipe encantado. A jornalista Carol Prado afirma para o site G1 (2017): “Não é de hoje que a Disney tenta adequar seus personagens a uma sociedade em que igualdade e diversidade são palavras mais em voga do que nunca”. Dessa forma, em busca de uma maior representatividade do sexo feminino no cinema infantil, a Disney, no ano de 2017 criou uma nova princesa, a Moana. A jornalista Carol Prado do site G1 (2017) explica que “A protagonista até usa vestidos, mas eles em nada lembram os tecidos volumosos de sempre. [...] Seus braços e pernas também são mais cheinhos do que de costume”.

Figura 2 - Moana



Fonte: Pinterest (2016)

“Será a primeira vez que veremos uma princesa com rosto oval, cabelos longos, soltos e cacheados nas telonas”, conta uma jornalista para o site da “MTV” (2016). Diferentemente da Cinderela, Moana se destaca pela sua força e determinação. O enredo não gira em torno da busca de um amor/príncipe, e sim de respostas sobre a história da sua tribo. A personagem, além disso, apresenta traços indígenas, os quais já poderiam ser vistos na princesa Pocahontas, porém ela se difere por apresentar um corpo mais volumoso da mulher e cabelos cacheados, os quais são a realidade da maioria das mulheres negras. “Ela é uma princesa Negra, das ilhas Filipina e tem o cabelo crespo. Quer mais? Seu filme não tem príncipe encantado nenhum. Quem salva todo mundo é

ela mesma”, conta o jornalista Make Silva para o “Blogdecinema” (2017). Além disso, O fato de que as mulheres negras estão começando a reconhecer cada vez mais a sua beleza pode ter sido um fator que tenha agregado a ideia da Disney de mostrar essa imagem nos seus filmes. Segundo o site “O Globo” (2017), uma pesquisa feita pela “Google BrandLab” em São Paulo mostrou que “as buscas no Google por cabelos cacheados superou a procura por cabelos lisos pela primeira vez no Brasil”. Além disso, o estudo brasileiro (O GLOBO, 2017) ainda revelou que “24% das mulheres de 18 a 24 anos reconhecem seu cabelo como cacheado”. Esses dados mostram o quanto a diversidade feminina vem ganhando forma com o passar dos anos e a apresentação dessas imagens como sendo belas pode de certa forma ajudar nesse avanço na sociedade e no desenvolvimento do imaginário infantil feminino.

Entende-se, então, que a Disney até hoje, no ano de 2017, pode fazer com que as pessoas se identifiquem com seus filmes. Ao ter um forte contato com determinados produtos dessa indústria cultural, o sujeito está apto a ter uma visão de mundo e uma percepção de modos de ser e parecer partindo dessa relação. Desde a criação dos desenhos animados à reformulação de alguns contos de fadas, a empresa mostra continuar presente na vida das pessoas. Segundo o site “Disney Wiki” (2015), o termo “princesa”, por exemplo, foi criado no final de 1990 pelo presidente da Disney Consumer Products, Andy Mooney, e, após a sua criação, nota-se um grande avanço ao entreter o público infantil feminino com as diferentes personagens criadas ao longo dos anos, as quais podem acabar sendo grandes influenciadoras no desenvolvimento das personalidades futuras dessas crianças.

Para aprofundar o assunto e tentar alcançar o objetivo proposto pela autora desse artigo, foi feito um grupo focal com crianças de 7 anos do sexo feminino, as quais trouxeram respostas para o problema levantado. Segundo Krueger Morgan (1998, v.1):

O grupo focal é altamente recomendável quando se quer ouvir as pessoas, explorar temas de interesse em que a troca de impressões enriquece o produto esperado, quando se quer aprofundar o conhecimento de um tema.

A entrevista foi realizada no dia 4 de Outubro de 2017 com 12 crianças de 7 anos do sexo feminino do segundo ano do Ensino Fundamental de um colégio particular de Porto Alegre. O roteiro da entrevista questionava pontos que ajudassem na obtenção de respostas a respeito do problema da pesquisa. Primeiramente, a moderadora propôs

um diálogo no qual pudesse fazer com que elas se questionassem sobre a figura da mulher e do homem na sociedade, entendendo de que forma elas veem hoje em dia o espaço da figura masculina na vida da mulher. Com isso, foi proposta também uma conversa a respeito do ideal de príncipe encantado que a maioria dos filmes da Disney apresenta, sendo essa a forma que a moderadora encontrou para fazer com que elas falassem mais abertamente sobre os dois sexos.

Para entender o comportamento das crianças perante às princesas Cinderela e Moana, a moderadora apresentou a elas as bonecas das personagens. Com isso, foi observado a maneira com que elas seguravam cada boneca, buscando entender com qual elas tinham mais afeto e porquê. Além disso, foi perguntado o que elas achavam de cada uma, o que ajudou a moderadora entender o significado de belo do corpo para elas quando se tratando das princesas e se ele está de acordo com os padrões que a sociedade acredita ser ideal. Maffesoli (1956, p.157) explica sobre a existência desse padrão:

Trata-se de um truísmo de consequências epistemológicas múltiplas, de um truísmo que nos obriga a considerar o corpo (individual, social) e suas diversas aparências como o pivô, em torno do qual vai ser ordenar, em círculos concêntricos, toda a vida social.

Outro ponto importante levantado durante a pesquisa foi a forma como elas se imaginavam quando vem a cabeça o “ser princesa”. Para isso, a moderadora propôs um momento de entretenimento com elas. Com papel e canetinhas, foi pedido que desenhassem como seriam se fossem uma princesa e qual super-poder elas gostariam de ter se pudessem. O propósito dessa técnica projetiva era entender os seus imaginários, observando a forma com que se preocupavam com os detalhes – e quais detalhes -, se necessitava existir um padrão de estilo que uma princesa precisa ter para ser considerada uma, incentivando-as a pensar tanto nos seus corpos, quanto nas vestimentas. E, por fim, o super-poder foi proposto para perceber como seria o comportamento e o papel delas perante a sociedade, questionando o ideal de que ser mulher é ser uma pessoa delicada e frágil.

As entrevistadas por motivos de manutenção do anonimato estão sendo identificadas de E1 à E12. O primeiro assunto que a moderadora questionou-as foi a respeito das suas rotinas, perguntando o que elas faziam nas horas livres. “A gente estuda, a gente brinca...” (E1). Dentre as respostas, saiu a palavra “boneca”. Porém, a maioria disse não brincar muito disso, a E3 ainda acrescentou “eu odeio a Barbie”.

Quando questionada porque, ela disse: “eu só gosto, por exemplo, das minhas, que tem um trailer. É muito grande e ele separa e vira um carro”. Assim, tendo como foco levar a conversa para outro ponto, foi perguntado a respeito das brincadeiras que a maioria dos meninos fazem, mas que muitas meninas não praticam pelo fato de acharem “ser coisa de menino”. “Mari, tem uma coisa muito chata que todo mundo fica falando, que menina não pode jogar futebol” (E1). Com isso, a E12 também se pronunciou a respeito: “Eu brinco com carrinho em casa [...] Eu tenho até alguns bonecos assim de menino, eu não sei como...”. Além disso, ao serem questionadas sobre a ideia de quererem ter uma figura masculina como príncipe encantado, todas responderam ao mesmo tempo: “não!”. E quando perguntado a elas o porquê, vieram as seguintes respostas: “Homem dá muito trabalho” (E1); “Ele se deita no sofá e a gente tem que fazer tudo pra ele” (E8); “Tem que pegar comida, pegar água” (E2). Ainda assim, a E2 dá exemplo de um filme que ela viu e achou interessante a falta da imagem masculina: “Eu também gosto das princesas, por exemplo, Frozen, que elas não dependem de um homem. As irmãs mesmo salvam uma a outra, elas não precisam de um príncipe pra salvar elas” (E2).

Seguindo na conversa com as crianças, após ser debatido sobre bonecas e príncipes, foi iniciado o assunto a respeito das princesas. Ao ser proposta uma conversa sobre qual personagem elas mais gostavam e porquê, entendeu-se um pouco a respeito do que elas consideram “bonito” nessas mulheres. “A Bela, do filme A Bela e a Fera. Por causa que eu acho A Bela e a Fera bem bonito e também a roupa dela” (E1), a E4 concorda: “A Bela e a Fera também, por causa que eu gosto de cantar e eu gosto do cabelo dela”. Além da Bela, outras duas princesas foram citadas por algumas entrevistadas que também consideram seus cabelos e vestidos bonitos. “Eu gosto da Aurora porque eu acho o cabelo dela bonito, ela canta muito e também o vestido dela” (E5); “Eu gosto da Rapunzel, porque eu gosto do vestido dela que muda de cor pra onde ela vai e eu gosto muito do cabelo dela” (E7). Com isso, o assunto se estendeu até sair da estética e chegar na personalidade das personagens. A E11 explica que para ela o importante é seguir os seus sonhos, sendo esse um fator que a faz gostar mais da princesa Tiana dos que das demais. “Eu gosto da Tiana porque ela tem um sonho e consegue fazer virar realidade”. Já a E3 comenta que prefere a Cinderela pelo fato dela obedecer a madrasta, o que ela acredita ser uma forma de mostrar que a personagem não é interesseira. “Eu gosto bastante da Cinderela, porque eu acho ela uma menina que

obedece, que ela não é interesseira”. Diante disso, diferenciando-se do fator beleza e vestimenta citado pelas demais, surgiu o gosto de uma das entrevistadas por uma princesa com super-poder, mostrando se importar mais com a sua força do que com a sua aparência. “Eu gosto muito também da Elsa, porque ela tem o poder do gelo e eu queria ter” (E5). Dessa forma, para encerrar o assunto da discussão e começar a fazer a brincadeira interativa com as crianças, a moderadora as perguntou se achavam que uma princesa tinha que ter um padrão, sendo logo respondida com um unânime “não!” (todas), e uma delas ainda exemplificou: “por exemplo, a minha mãe tem o cabelo raspado e ela nem tem câncer, ela que quis raspar. Ela poderia ser uma princesa” (E3).

Após encerrar o roteiro de perguntas, foi realizado com as entrevistadas o primeiro momento interativo do dia. A moderadora levou ao meio da roda uma caixa, tirando de dentro dela duas bonecas de personagens da Disney com aspectos físicos bem distintos, sendo uma a Cinderela, uma princesa mais clássica dos anos 50 e outra a Moana, uma mais atual. Com isso, observou-as enquanto reagiam e as seguravam. “Eu amo a Moana”, a E9 falou enquanto alisava os cabelos cacheados da personagem. “Eu gosto bastante das roupas dela [...] E ela não é aquela princesa que tem aquele padrão, ela é super aventureira e tal” (E9). Quando questionada sobre o que mais ela achava de interessante na personagem, a E9 falou a respeito da sua cor da pele, alegando que tem noção de que a quantidade de princesas negras apresentadas nos filmes é ainda pequena. “Eu acho que ela seja uma princesa, além disso tem poucas princesas que são negras”. Enquanto a maioria discutia para ver quem segurava a Moana, a moderadora perguntou qual das duas personagens elas seriam se pudessem escolher, e assim todas responderam ao mesmo tempo o nome da mesma, sendo a sua força e a sua independência os principais motivos que as fazem dar uma maior atenção a ela. “Ela luta!” (E2); “Ela é independente” (E12). Além disso, a moderadora ainda as questionou a respeito das roupas de cada uma das personagens, perguntando qual elas preferiam, sendo novamente citado o nome da Moana pela maioria. “Ela tem várias estampas diferentes, é criativa a roupa dela, é colorida, é super diferente uma coisa da outra” (E4). Quando seguravam a Cinderela, as crianças mexiam mais no seu sapato, mas logo já passavam para a amiga do lado, não ficando muito tempo com a boneca em mãos. Foi perguntado a elas o que a Cinderela tinha de diferente da Moana para assim tentar entender em qual aspecto ela se destacava, porém, a única resposta concedida foi o fato dela ter uma fada madrinha, não sendo trazido a tona seus cabelos, acessórios e/ou vestimenta, que nem

foi feito com a outra personagem. “Ela tem a fada madrinha” (E10). Dessa forma, a moderadora encerrou a primeira parte interativa com as entrevistadas.

Após entender os gostos das entrevistadas a respeito das duas princesas, a moderadora propôs um segundo momento interativo a elas. Foi entregue papéis e canetinhas para que assim pudessem desenhar como elas seriam se fossem uma princesa. Além disso, a moderadora também pediu para que elas escrevessem quais seriam seus poderes caso pudessem ter um. O objetivo dessa técnica projetiva era tentar entender como funciona o imaginário das crianças tratando-se de princesas – qual cabelo, roupa e personalidade seriam ideias para elas. Enquanto desenhavam, algumas mostravam interesse pelos cabelos cacheados e da cor vermelha. “O meu cabelo vai ser vermelho e cacheado” (E11); “Eu sempre quis ter cabelo cacheado, só que agora eu tô pensando em ter o meu cabelo mesmo porque a minha mãe disse que é fácil de desembaraçar” (E2). Com isso, a E11 comenta que a princesa Ariel, de “A Pequena Sereia” teve sorte em ter o cabelo vermelho, mostrando assim também se interessar pela cor. “A Ariel teve sorte de ter cabelo vermelho” (E11). Continuando o processo, a E10 enquanto desenhava dizia que ia fazer a mãe dela, mas iria mudar um pouco, deixaria ela mais magra do que a realidade. “Eu fiz a minha mãe. Ela é gorda, mas eu fiz ela magra” (E10). Depois do término de um tempo de 15 minutos, a moderadora pediu para que elas apresentassem os seus desenhos.

Figura 3 - Mosaico de 8 desenhos dos 12 feitos pelas crianças.



Fonte: Grupo Focal realizado pela autora no dia 04 de Outubro de 2017.

Como se pode notar, tratando-se de cabelos, a maioria se desenhou com cabelos curtos, sendo 10 lisos e 2 cacheados, esquecendo a ideia de penteados e coroas. As cores se diversificavam, a E1 e a E2, por exemplo, gostariam de ter o cabelo azul, enquanto a E9 queria ter ele na cor roxa. Outro ponto interessante de ser analisado são as vestimentas. 10 delas se desenharam com um vestido ou uma blusa e uma saia, porém a

E4 se diferenciou ao se criar usando biquíni. Além de ter essa vestimenta, ela também estava de pés descalços, diferentemente do salto alto desenhado por 6 delas. A E3 foi mais para o lado da fantasia e se desenhou como sendo um unicórnio com roupa e poder de arco-íris. “O meu poder é que ela joga arco-íris e a minha é uma princesa unicórnio” (E3). Outro ponto analisado foi a questão da diversidade presente nos desenhos. As entrevistadas tinham aspectos físicos bem diferentes umas das outras, porém a maioria optou por se desenhar com canetinhas mais próximas da cor da pele branca. A única unanimidade em relação ao corpo é que todas gostariam de ser magras, não sendo visto nenhum desenho de uma princesa fora desse padrão. Em relação às suas personalidades através dos super-poderes que gostariam de ter, a maioria mostrou se preocupar com o bem que elas poderiam fazer com o mundo através deles. A E11, por exemplo, teria como poder o coração e ao ser questionada porquê, ela explicou: “porque daí eu ia dar pras pessoas que tão tristes” (E11), sendo acompanhada da E6 que seguiu com esse mesmo propósito de cura do mundo: “tiraria o mal do ser humano e curaria de doenças graves” (E6). Porém foram vistos também outros poderes como o de costura da E1, no qual ela poderia criar todos os vestidos que ela quisesse; o de voar da E4 e o da natureza, proposto pela E1, que no caso se fosse à água viraria uma sereia, que nem a Ariel. Após ler e debater sobre todos os desenhos criados pelas crianças, a moderadora se despediu, deixando com que levassem seus desenhos para a casa, sendo esse um pedido delas. Assim, agradeceu pela oportunidade e pelos seus tempos, concretizando a entrevista com uma foto para guardar de recordação.

A partir da seção de análise feita através do grupo focal, foi possível encontrar resultados que respondam o problema levantando nessa pesquisa. Com a entrevista, a autora notou que hoje em dia as crianças do sexo feminino possuem um pensamento diferente das dos anos 50. Quando questionadas sobre brincadeiras de menino e de meninas, por exemplo, elas mostraram estar mais entusiasmadas falando sobre brincar de futebol do que de boneca, sendo esse um esporte praticado praticamente só por homens na geração passada, mostrando, assim, não acreditarem na existência de uma separação entre os gêneros. Além disso, notou-se que para elas o ser mulher hoje em dia está ligado a força e a inteligência feminina, o que as fez comparar com o pensamento dos anos 50 sob o gênero feminino, em que a sociedade acreditava que a mulher só servia para satisfazer as vontades do homem, além de outras coisas. Assim, foram vistos grandes desprezos por parte da maioria das entrevistadas em relação à figura masculina

e a do príncipe encantado, devido ao fato de que muitas acreditam que o homem só sabe mandar e ser mal educado. Esses pensamentos podem ser o reflexo do discurso que as crianças de hoje veem sendo dito por mulheres ao seu redor e por algumas mídias.

Quando o assunto entrou nas princesas, enquanto conversavam entre si as suas opiniões eram as mesmas. Ao compararem a Cinderela e a Moana, a maioria mostrou-se mais entusiasmada com a beleza da segunda personagem, sendo os seus cabelos cacheados e a sua força as principais características que as fizeram optarem por ela. Esse momento faz com que a autora acredite ser importante rever determinadas ideias que se têm em relação ao corpo feminino apresentado nos filmes, devido ao fato de que a maioria das crianças entrevistadas deu mais atenção à Moana, uma personagem determinada e forte, do que à Cinderela, a qual é conhecida pela sua delicadeza e bondade. Para elas, a cor da pele e a vestimenta não são aspectos que caracterizam o “ser uma princesa”, acreditando que qualquer pessoa pode ser considerada uma.

Ao analisar o imaginário das crianças através de um momento interativo no qual elas tinham que desenhar como seriam se fossem uma princesa, nota-se que a forma com que elas pensam e a forma com que elas se imaginam são bem diferentes umas das outras. Por exemplo, antes a maioria tinha dito que não existia um padrão a ser seguido de princesa, porém todas se desenharam brancas e magras. Em questão da vestimenta, percebe-se uma crescente mudança no pensamento de que princesa só usa vestido e coroa, devido ao fato de que algumas se imaginaram com roupas diferentes dessas. Porém, esse resultado faz com que a autora entenda que o imaginário das crianças ainda é influenciado pelas imagens midiáticas apresentadas.

Esses resultados mostram que as quebras de estereótipos por parte da Disney em cima das princesas tende a influenciar no pensamento e no imaginário das crianças. Porém esse processo vem acontecendo de forma lenta, devido ao fato de que a maioria das personagens femininas ainda possuem os padrões da mulher europeia apresentada desde a criação do primeiro filme da franquia, sendo a Moana uma das poucas a se destoar. A criação dessa personagem ajuda as crianças de hoje em dia a pensarem o corpo da mulher de forma diferente das dos anos 50, mostrando estarem de acordo com o fato de que elas podem ser quem elas quiserem e se sentirem belas do mesmo jeito. Como isso, nota-se dois momentos diferentes em relação às percepções das crianças sobre o corpo feminino, sendo um através do discurso e outro através da representação imagética.

Assim, a pesquisadora acredita ser importante a Disney continuar apresentando às crianças as diferentes formas existentes em relação à beleza feminina, criando personagens mais determinadas, fortes e que apresentem a diversidade do corpo da mulher existente mundialmente, sendo a popularidade da Moana um dos exemplos que confirmem essa posição. Dessa forma, esse estudo conclui que quanto mais a marca quebre os padrões criados durante anos por uma sociedade de épocas distintas, maiores são as chances das crianças não só entenderem, como acreditarem que não existe um modelo de corpo feminino a ser seguido, podendo chegar a um acordo entre os seus imaginários e os seus pensamentos.

REFERÊNCIAS

- A HISTÓRIA de Walter Elias Disney. **Parques de Orlando**. 5 de dezembro de 2016. Disponível em:
<<http://www.parquesdeorlando.com.br/parques/walt-disney-world-resort/a-historia-de-walter-elias-disney/>>. Acesso em 1 de Outubro de 2017
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- DISNEY Princesa. **Disney Wiki**. 28 de novembro de 2015. Disponível em:
<http://pt-br.disney.wikia.com/wiki/Disney_Princesa>. Acesso em 08 de Julho de 2018.
- DOMÈNECHE, J. **A forma do real: introdução aos estudos visuais**. São Paulo: Summus, 2011.
- LIMA, Liana Alves de. O que é objetificação da mulher? **Politize**. Disponível em: <<http://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher/>>. Acesso em: 20 de Setembro de 2017.
- LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. Tradução Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- MORGAN, D. L. **The Focus Group Guidebook**. Thousand Oaks: Sage, 1998.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo – I**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

PELA primeira vez no Brasil, buscas no Google por cabelo cacheado superam as por cabelo liso. **O globo**. 8 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/ela/beleza/pela-primeira-vez-no-brasil-buscas-no-google-por-cabelo-cacheado-superam-as-por-cabelo-liso-21683014>>. Acesso em 12 de Outubro de 2017.

PLENTZ, Ida. Pesquisa Bibliográfica. In: MIRANDA, Carlos. (org.). **Cinema de animação: arte nova/arte livre**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

PRINCESA moana abre espaço para debate sobre representatividade na mídia. **MTV**. 23 de junho de 2016. Disponível em: <<http://www.mtv.com.br/noticias/ogant3/princesa-moana-abre-espaco-para-debate-sobre-representatividade-na-midia>>. Acesso em 10 de Outubro de 2017.

PRINCESAS da Disney afetam autoestima de crianças, diz estudo. **O Globo**. 27 de junho de 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/princesas-da-disney-afetam-autoestima-de-criancas-diz-estudo-19592542>>. Acesso em: 01 de Novembro de 2017.

REPRESENTATIVIDADE, Moana, e Princesas Disney. **Blog de Cinema**. 6 de janeiro de 2017. Disponível em <<https://blogdecinema.com/2017/01/06/representatividade-moana-e-princesas-disney/>>. Acesso em 12 de Outubro de 2017.

SOUZA, Barbara. **O corpo feminino plus size: uma visão através da análise do discurso**. 4º Encontro Rede Sul Letras. Unesul, Palhoça, 11 a 13 de maio de 2016. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/sulletras/PDF/Barbara-Souza.pdf>>. Acesso em 21 de Setembro de 2017.

THOMAS, Bob. **Walt Disney: o mago da tela**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

VIANNA, Cynthia Semíramis. **Da imagem da mulher imposta pela mídia como uma violação dos direitos humanos**. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/direito/article/viewFile/6991/4969>>. Acesso em 15 de Setembro 2017.

DISNEY Princesa. **Disney Wiki**. 28 de novembro de 2015. Disponível em: <http://pt-br.disney.wikia.com/wiki/Disney_Princesa>. Acesso em 08 de Julho de 2018.